

DOCUMENTAÇÃO REFERENTE
AOS
TRABALHOS REALIZADOS
NO
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

1944 - 1946

doc. n. 69
mm

I N E Z I L P E N N A M A R I N H O

DOCUMENTAÇÃO REFERENTE
AOS
TRABALHOS REALIZADOS
NO
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

1944-1946

CÓPIA

INSTITUTO JURUENA

Rio de Janeiro, 1 de julho de 1943

ERNANI COSTA, residente a Avenida Bruxelas nº 86, Professor de Educação Física do Pedro II, diplomado pela Escola de Educação Física do Exército - tendo visitado uma associação protetora de cegos e palestrado com vários deles, pode constatar como foi deficiente e como faz falta a educação física a esses indivíduos de movimentos naturalmente restritos por seu próprio estado.

Por isto, pede vênha para sugerir á V. Excia. que a Escola Nacional, entre desde logo, em contacto com o Instituto Benjamin Constant, no sentido de elaborar um plano de educação física para cegos, capaz de compensar as deficiências orgânicas decorrentes da falta de movimentos natural naqueles indivíduos.

Valho-me do ensejo para apresentar á V. Excia. os protestos da mais alta consideração e apreço.

a) Ernani Costa
Professor

4

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

GABINETE DO MINISTRO

Prof. Ernani Costa
166 Praia Botafogo
RIO DE

01809 23 8 43

Resposta sua carta vg lida com apreço vg Sr. Ministro manda
comunicar-lhe educação física dos cegos está sendo objeto es-
tudo por parte deste Ministério pt Saudações atenciosas Carlos
Drumond Chefe Gabinete Ministro Educação

Sr. Diretor:

Esta Divisão está aparelhada tecnicamente para elaborar o programa solicitado; eu mesmo teria grande interêsse em fazê-lo. Há, no entanto, necessidade de um pequeno estágio no Instituto Benjamin Constant para o conhecimento de certos elementos indispensáveis a uma boa orientação. Estou pronto, mediante portaria de designação do Sr. Ministro, que me facilite tudo no referido Instituto, a estudar o assunto, sem prejuizo das minhas funções nesta Divisão e sem qualquer onus para os cofres públicos.

Em 14/8/43

a) Inezil Penna Marinho
Técnico de Educação
Chefe da Secção Técnico-Pedagógica

À consideração do Snr. Chefe do Gabinete.

Em 19/8/943

a) J.B.Leite

Ao Sr. Diretor do Instituto Benjamin Constant, de ordem do Sr. Ministro, para examinar o assunto e propor o que julgar conveniente.

21/8/43

C. Drummond

C. G.

INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT

1000/43

Em 17 de setembro de 1943

Sr. Diretor:

Esta secção é de parecer que o Sr. Inezil Penna Marinho - Chefe da Secção Técnico-Pedagógica, deve ser pôsto em contacto com os nossos trabalhos de organização, para que, da permuta de idéias e observações, surja a futura orientação da Educação Física deste Instituto, da qual muito esperam os cegos para sua almejada integração na sociedade.

Réspeitosamente,

a) J. Espínola Veiga
Chefe da Secção de Educação

Ao Sr. D.^r. João Alfredo Lopes Braga
D.D. Diretor do Instituto Benjamin Constant

INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT

680/43

Em 24 de setembro de 1943.

Sr. Ministro

Tenho o prazer de enviar a V. Excia. o parecer do Prof. JOSÉ ESPÍNOLA VEIGA, Chefe da Secção de Educação, deste Instituto, referente à carta do Prof. ERNAINI COSTA, a qual deu origem ao presente processo.

Aproveito o ensejo para renovar a V. Excia. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

a) João Alfredo Lopes Braga. - Diretor.

Exmo. Sr. Dr.

Gustavo Capanema.

D.D. Ministro de Estado da Educação e Saúde.

Autorizo a colaboração sugerida.
Ao D.N.E., para providenciar.

29/9/43.

a) Capanema

À D. E.F., para colaborar no estudo do assunto,
por intermédio do Sr. Inezil Penna Marinho.

11/XI/43.

a) A. Renault

Ap técnico de educação Inezil Penna Marinho
para cumprir o despacho.

9/XI/43.

a) J.B.Leite

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

312/44

Em 5 de maio de 1944.

Sr. Diretor

No sentido de dar cumprimento ao item II do artigo 7º do Regimento baixado com o Decreto nº 14 165 de dezembro de 1943, o qual autoriza a Secção de Educação dêste Instituto a promover a educação física dos alunos tendo sempre em vista as normas do ensino comum com as adaptações impostas pelas condições peculiares à criança cega, visando corrigir os defeitos inerentes à privação da vista, solicito de V. S., a visita à referida Secção, de um técnico de educação física afim de estudar as medidas preliminares da aplicação da mesma aos cegos.

Aproveito o ensejo para enviar a V. S. os protestos da minha elevada estima e distinta consideração.

a) João Albredo Lopes Braga
Diretor

Ao Sr. Major Barbosa Leite
D.D. Diretor da Divisão de Educação Física do
Ministério da Educação e Saúde

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO DE EXPEDIÇÃO

CARIMBO DA ESTAÇÃO

- OF - INEZIL PENNA MARINHO DIVISAO

Recebido:

De _____
às _____ horas
por _____



INDICAÇÕES DE SE TAXADAS

EDUCACAO FISICA SALA -1212-

MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE

RIODF

PREÂMBULO:

--271- PCA-DUQUEDF -42601-50-23-21,00

100830

O preâmbulo contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação.

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

-#24- DE -22/2/45- PECO VG ORDEM DIRETOR VG SEU COMPARECIMENTO
TERCA - FEIRA DIA -27- CORRENTE VG NOVE HORAS PT SAUDACOES PT
EURI PEDES ILDEFONSO DA SILVA VG CHEFE / - SECCAO ADMINISTRATIVA
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT PT =

CT -1212-27 -/

COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS
OF THE UNITED STATES OF AMERICA

OFFICE OF THE
SPECIAL REPRESENTATIVE
FOR BRAZIL

AVENIDA GRAÇA ARANHA, 152
CAIXA POSTAL, 860
RIO DE JANEIRO

22 de maio de 1944

Prezado Professor Marinho:

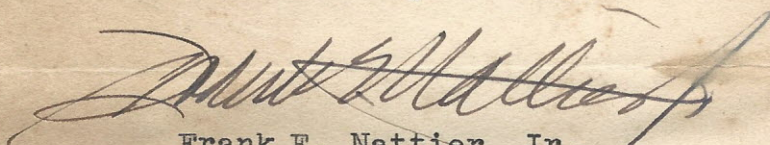
Muito me apraz acusar o recebimento de sua carta de 20 do fluente, na qual Vossa Senhoria me solicita obter dos Estados Unidos algum material com relação à educação física para os cegos.

Aprecio devidamente a importância da tarefa que o senhor Ministro da Educação acaba de confiar a Vossa Senhoria, e tenho toda certeza de que o resultado dos seus estudos e pesquisas será o mais brilhante.

Levarei o seu pedido ao conhecimento do escritório central do Coordenador, em Washington, requerendo ao mesmo tempo a remessa de material adequado ao programa que Vossa Senhoria me traçou em sua carta. Não posso lhe adiantar em que data receberemos esse material, mas logo que o mesmo nos chegue, ser-lhe-á entregue.

Aceite, Professor Marinho, os meus mais

Cordiais cumprimentos.



Frank E. Nattier, Jr.
Representante Especial Interino.

Ilmo. Senhor
Professor Inezil Penna Marinho
Chefe da Seção Técnico-Pedagógica da
Divisão de Educação Física
Ministério da Educação - 12º andar
Rio de Janeiro, D. F.

COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS
OF THE UNITED STATES OF AMERICA

OFFICE OF THE
COORDINATION COMMITTEE
FOR BRAZIL

AVENIDA GRAÇA ARANHA, 182
CAIXA POSTAL, 800
RIO DE JANEIRO

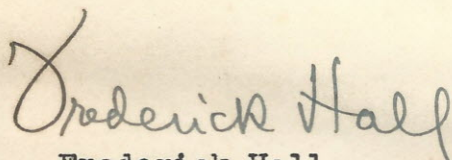
2 de fevereiro de 1945

Prezado Inezil:

Após longa demora, chegou ao
nosso Escritório material sobre educação
física para cegos.

Espero que ainda lhe seja
útil em suas pesquisas para o Instituto
Benjamin Constant.

Mui Cordialmente,



Frederick Hall
Divisão de Informações

Anexos: 5 panfletos

Ilmo. Senhor
Professor Inezil Penna Marinho
Divisão da Educação Física
Ministério da Educação e Saúde
Rio de Janeiro, D. F.

12
Em 7 de fevereiro de 1945.

Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde

Designado por V. Ex., consoante despacho exarado no processo nº 64.437/43, fl. 5 v., para estudar o problema da educação física das crianças cegas internadas no Instituto Benjamin Constant, desta Capital, tenho a honra de submeter à apreciação de V. Ex. o relatório dos trabalhos que realizei nesse sentido.

Certo de haver, por mais uma vez, correspondido à confiança com que fui distinguido, reitero a V. Ex. os protestos de minha maior consideração.

a) Inezil Penna Marinho
Técnico de Educação
ção

Ao Exmo. Sr. Dr. Gustavo Capanema
Ministro da Educação e Saúde

Relatório dos Trabalhos Realizados no Instituto Benjamin Constant com o Objetivo de Estudar os princípios que deverão Reger a Educação Física das Crianças Cegas

APRESENTADO AO SR. MINISTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
PELO TÉCNICO DE EDUCAÇÃO INEZIL PENNA MARINHO

PROLEGÔMENOS

Antes de entrar na apreciação técnica do problema, julgo da maior justiça, dever a que não posso fugir, ressaltar as facilidades que encontrei por parte do Diretor do Instituto Benjamin Constant, Dr. João Alfredo Lopes Braga, que envidou todos os esforços para tornar possível a missão de que fôra eu incumbido. Também na Divisão do Material o Dr. Gomes Calazza muito contribuiu para tornar o meu trabalho logo eficiente, interessando-se com carinho para que os pedidos do material destinado às crianças cegas fossem satisfeitos com a maior rapidez.

Devo à assistente de educação Alice Geraldina Barbosa Hargreaves, lotada na Divisão de Educação Física, uma boa parte do êxito por mim alcançado, pela dedicação, zelo e competência com que colaborou na direção de uma das turmas, que, diariamente, recebiam exercícios físicos em caráter experimental. Colaboraram ainda nessa benemérita obra, desempenhando as funções de professores de educação física, os inspetores de educação física Romeu de Castro Jobim, Sebastião da Silva Cruz e Carlos Augusto Caúla e Silva, todos lotados na Divisão de Educação Física. Todos os servidores acima referidos desenvolveram as atividades em aprêço sem prejuízo das suas funções, em horas fora do expediente e sem vantagem de qualquer natureza. Colaboram ainda nos trabalhos os professores de educação física, estranhos ao quadro do Ministério: Aída Amazonas, Graciema de Siqueira Amazonas e Hélio de Macedo Medeiros.

Deixo aqui consignados os mais efusivos agradecimentos a todos os que, por qualquer forma, contribuíram para que o meu trabalho se tornasse eficiente, na certeza, em que poderão estar, de que, assim procedendo, colaboraram para a solução de um grande problema social do Brasil e para que milhares de crianças possam encontrar, nas trevas que as cercam, maiores forças e, disto estou convicto, mais alegria para viver.

COMO INTEGRAR O CÉGO NA SOCIEDADE

O interesse pela educação dos cegos data do século XVIII, pois até então nada se havia feito para minorar os sofrimentos dos cegos, permitindo-lhes que pudessem ganhar o seu sustento. E, como consequência, era entre os cegos que se encontrava o maior número de mendigos nas cidades. Valentim Haüy, filantropo francês, por ocasião de uma feira, assistindo vários cegos serem exibidos e ridicularizados, concebeu a idéia de fazer o levantamento dos cegos que viviam em Paris. Interessando-se mais pelo problema, tomou uma criança cega, a qual começou a educar e, sendo bem sucedido, em 1784, fundou

uma escola para cegos, no que, posteriormente veio a ser imitado pelos demais países. A instrução que se tem procurado ministrar ao cego é quase sempre de grau primário, excepcionalmente de grau secundário. Nos Estados Unidos, não é pequeno o número dos que conseguem ingresso nas universidades. Geralmente prevalece a idéia de que baste dar ao cego alguma habilidade manual para que êle se encontre com o seu problema resolvido e é preciso combater essa concepção. Os cegos têm tido as suas possibilidades reduzidas pelo sentimento de piedade que inspiram, pelos cuidados excessivos que manifestamos a cada passo, quando encontramos um cego, não permitindo que êle solucione os seus próprios problemas com os recursos de que dispõe. Por mais absurdo que pareça, temos a impressão de que não deveríamos intervir prontamente, como sempre fazemos, impedindo que muitas capacidades do cego se desenvolvam unicamente porque possui sempre quem lhe remove as dificuldades. Não, devemos intervir o menos possível e deixar que a auto-experiência indique o caminho que deverá seguir em cada uma das situações, na certeza de que, se tiver errado, jamais voltará a escolher aquela asolução.

“Por una idéa errónea, en los hogares se mima a los niños ciegos, se los considera dispensados de toda obligación, se les prohíbe ayudar por temor a que rompan algo y no se les permite jugar con otros niños por miedo de que se les golpes.

El resultado de todo esto es un desarrollo inferior por falta de las actividades normales de la infancia; se les hace incapaces física y mentalmente.

Como vemos, la ansiedad y la indulgencia de los padres son el origen de este deplorable estado de inferioridad. Se tiene demasiada piedad por su ceguera y muy poca consideración en cuanto a su condición de seres humanos.

Desde pequeños, hay en los ciegos una marcada tendencia a la quietud, que se prolonga en la edad adulta como una preferencia por la vida sedentaria, por la ociosidad, con las consecuencias perniciosas que de ella derivan para su salud física y mental.” (1)

Combatido este conceito de piedade, tão prejudicial a integração do cego na sociedade, resta um outro aspeto que se nos afigura também de grande importância. E' o de se insistir em transformar o cego num operário especializado, explorando-lhe unicamente a habilidade manual. Nega-se ao cego o direito a uma cultura elevada, como se o seu espirito devesse sofrer as consequências de uma anomalia de ordem física. Proíbe-se ao cego qual-

(1) — “Educación física y Recreación para Ciegos” — Dirección General de Educación Física — Buenos Aires — 1940 — Pág. 5.

quer produção intelectual, porque não lhe fornecemos os recursos de que carece, os instrumentos de que precisa para explorar a sua imaginação, a sua inteligência. E assim o condenamos a ser fabricante de vassouras ou de cestas. E isso é uma injustiça social. O cego precisa ser integrado na sociedade e não, como até agora, amparado pela sociedade, como se fosse um pêso morto. Não podemos condenar esses seres humanos, que pensam como nós, que sentem como nós, que vibram como nós, a fabricar eternamente vassouras e cestas, cestas e vassouras. Precisamos dar-lhes o lugar a que fazem jús na sociedade, auferindo todos os direitos e cumprindo todos os deveres, em igualdade de condições com os demais membros da comunidade. E' isso o que poderemos denominar integração social.

O Dr. Joaquim de Azevedo Barros, do Serviço de Biometria Médica do I. N. E. P., publicou na "Revista do Serviço Público" (2), interessantíssimo trabalho sob o título "Capacidade visual nas carreiras e funções públicas", no qual assim se manifesta:

"No Serviço de Biometria Médica do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos divididos as carreiras ou funções sob o ponto de vista da capacidade visual em: extraordinárias ou de supervisão; de visão superior; de visão média; de visão inferior e de visão rudimentar.

Nas carreiras ou funções de visão extraordinária, superior, média e inferior, propomos para limite superior da faixa de cegueira, respectivamente: 40%, 35%, 25%, 17%, 5% de capacidade visual total.

Para os cegos, ou amblíopes, não existe faixa de cegueira profissional, por serem as atividades profissionais dos cegos independentes da função visual. Por este motivo a capacidade visual não implica aqui em maior ou menor capacidade profissional.

Os limites dessas faixas para os cinco tipos de carreiras adotados por nós são os seguintes:

a) **Carreiras de visão extraordinária ou super-visuais:** Nessas carreiras não admitimos perda nenhuma da capacidade visual, para o seu desempenho. A faixa de suficiência deverá ser de 100% de capacidade visual total; de 41% a 99% delimitamos a faixa de insuficiência visual profissional; e, abaixo de 40%, encontramos na faixa de cegueira profissional, ou seja, a faixa em que o exercício dessas carreiras é absolutamente impossível;

b) **Carreiras de visão superior:** Nessas, a faixa de suficiência visual profissional deve estar acima de 83% de capacidade visual total; de 35% a 82%, acha-se compreendida a faixa de insuficiência; abaixo de 34%, encontramos na faixa de cegueira profissional para essas carreiras;

c) **Carreiras de visão média:** Nessas, a faixa de suficiência visual está acima de 66% de capacidade visual total; abaixo de 65%, até 25%, a de insuficiência; abaixo de 24%, começa a de cegueira profissional;

d) **Carreiras de visão inferior:** Para as carreiras compatíveis com uma visão inferior o indivíduo deve apresentar uma capacidade visual total acima de 45%; enire esse limite e 17,5%, acha-se em condições visuais insufi-

cientes; e, em condições de cegueira profissional, abaixo do último limite;

e) **Carreiras de visão rudimentar:** Finalmente, para essas carreiras, que podem ser exercidas por amblíopes e mesmo cegos, a faixa de suficiência visual etaria entre 0% e 100%.

As profissões que podem ser exercidas por cegos, além das citadas, como veremos no Quadro das funções de visão rudimentar e que, no momento, são admitidas no serviço público, podemos acrescentar mais as seguintes, em que os cegos futuramente também poderão ser aproveitados:

1.º — Rádio-escuta;

2.º — Telefonista — Para esta profissão ser exercida por cegos torna-se necessária a substituição na mesa telefônica, dos sinais luminosos do quadro, por um sistema de campainhas sonoras. O Departamento Administrativo do Serviço Público cogita dessa adaptação, com o fim de aproveitar, nesse mistér de telefonista, indivíduos cegos;

3.º — Estenógrafo — Desde que seja utilizado um sistema de taquigrafia especial;

4.º — Telegrafista — Receptor ou Transmissor;

5.º — Colchoeiro;

6.º — Artífice de utensílios (vassouras, escovas, etc.);

7.º — Intérprete de línguas;

8.º — Professor."

As palavras que acabamos de ler nos conduzem a profundas meditações sobre a injustiça social com que os cegos têm sido, até agora, tratados, o que concorre, mais do que tudo, para agravar o desajustamento de que são portadores.

Felizmente aqui no Brasil essa mentalidade já se vai modificando, se bem que num processo muito lento. As provas para cegos como telefonistas e de amblíopes como cabineiros nas repartições públicas, assim como a decisão do Sr. Ministro da Marinha, Almirante Aristides Guilhem, mandando incluir operários cegos nos quadros do Arsenal da Marinha, são fatos que nos levam a pressupor um futuro mais propício para os cegos em nossa terra.

E ecoam em nossos ouvidos as palavras de Karsten Ohnstad:

"Econômicamente independente, o homem destituído da vista pode tomar o seu lugar na sociedade, e, sendo útil para ela, encontrar a felicidade como os outros homens." (3)

A NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO CEGO

Parece-nos supérfluo demonstrar as vantagens que advirão ao cego se a sua educação física for cuidadosamente ministrada.

Os cegos são sempre introspectivos, naturalmente tímidos, evitam arriscar-se e não possuem grande espírito de iniciativa. E é preciso combater isso para que este se desenvolva, concorrendo assim para a florescência de sua personalidade.

(2) — Barros, J. A. — "Capacidade visual nas carreiras e funções públicas" in Revista do Serviço Público — Ano IV — Vol. II — N. 3 — Junho de 1941 — Idem, Separata — Rio — 1941 — Págs. 8 e 9.

(3) — Ohnstad, K. — "O mundo nas pontas dos dedos" — (Condensado do livro "The world at my fingertips") — in "Seleções do Readers Digest" — Tomo II — N.º 11 — Dezembro de 1942 — Pág. 117.

O cego está quase sempre em guarda, desconfiado, em atitude de defesa passiva, retraída e como que inseguro de si mesmo. E o físico revela perfeitamente tais condições de espíritos: má postura, a cabeça inclinada para a frente e ligeiramente torcida para o lado, afim de colocar o ouvido em condições de captar com maior facilidade os sons e pressentir os obstáculos à sua frente, as espáduas arredondadas, o peito para dentro, a marcha lenta e insegura. Este é o retrato de quase 100% dos cegos. Carecem de coordenação muscular, apresentam movimentos voluntários sumamente limitados e certos movimentos involuntários da cabeça e das mãos, espécies de tics nervosos, difficilimos de corrigir. A estatura e a capacidade respiratória dos cegos, conforme demonstraram estatísticas levadas a efeito na Escola para Cegos de Overbrook, é inferior a dos videntes. A torsão da parte cervical da coluna vertebral, para a direita ou para a esquerda, pela atitude ansiosa de constante escuta, não apenas produz desvios na coluna, como ainda atrofia os músculos do pescoço. Apresentam também circulação sanguínea insuficiente e debilidade física geral. Nos casos de cegueira hereditária temos de acrescentar a isso, quase sempre, as taras de que são portadores e que se manifestam quase sempre mais agravadas.

Se ao individuo normal a educação física é necessária, com muito maior razão o é para os cegos, cujo mundo está limitado pelo alcance de suas mãos. As vantagens que a educação física oferece ao cego podem ser assim rapidamente resumidas: fortalecimento geral do organismo, aumento da resistência contra as doenças, particularmente as provocadas pelo hábito sedentário; desenvolvimento de seu sistema muscular e conveniente coordenação motora; conquista da coragem e confiança e si mesmo, sublimando o complexo de inferioridade, sob cujo pêso imenso vive o cego sempre acabrunhado.

“A desgraça do cego não é a cegueira, mas a ociosidade”, disse Hellen Keller. (4) Iluminemos, portanto, as trevas em que vivem os cegos, dando-lhes atividade. E com isto teremos enchido a sua vida, que se lhes afigura tão vazia.

Qual a opinião dos médicos sobre a educação física para os cegos?

O Dr. René Rachou assim se pronuncia lacônicamente: — “educação física: de grande importância tanto para a higiene geral dos cegos, quanto para a sua inteligência e caráter, ensinando-lhes o domínio sobre si mesmo. A ginástica e a dança são dos desportos, os mais aconselháveis.” (5)

O Dr. João Alfredo Lopes Braga, Diretor do Instituto Benjamin Constant, que foi em sua mocidade um grande desportista está convencido de que a educação dos cegos nunca será completa se não tiver por base a educação física. Isso não apenas manifestou nas longas palestras que mantivemos, mas oficialmente, solicitando pelo ofício n.º 312/44, de 5 de maio do corrente ano, ao Diretor da Divisão de Educação Física, a visita ao Instituto de um técnico de educação física, “afim de estudar as medidas preliminares da aplicação da mesma aos cegos.” (6)

Mas... e os cegos, que são os mais interessados na questão? Aceitarão a educação física como uma necessidade? Estarão dispostos à prática dos exercícios físicos?

Parece-nos que somente eles poderão responder. Concedamo-lhe portanto, a palavra.

Eis a pitoresca narrativa do primeiro banho de mar de Hellen Keller:

“Devo ao oceano as mais gratas recordações desse verão. Vivendo sempre no interior, não tinha nunca oportunidade de apirar o ar da praia. Como lera a descrição do oceano, num livro intitulado *Nosso Mundo*, tinha ficado encantada e ardia de desejos para mergulhar as mãos nas ondas e sentir seu bramido. A idéia de poder realizar este sonho, fez pulsar de contentamento meu coração de criança.

Mal vesti a roupa de banho, saí pulando pela areia quente e joguei-me ao mar sem nenhum receio. Senti que as vagas subiam e desciam num movimento uniforme, o que se produziu uma sensação esquisita. De repente, meu contentamento transformou-se em terror: esbarrando com o pé numa pedra, perdi o equilíbrio e logo uma onda me passou por sobre a cabeça. Estendi as mãos, instintivamente, para agarrar-me a alguma coisa, não encontrando senão ervas marinhas que flutuavam em volta. Debatí-me desesperadamente. As ondas brincaram com o meu ser frágil, dando-me trambolhões e arrastando-me à vontade. Que terrível momento!... Sem tocar mais o fundo com os pés, cercada de água por todos os

(4) — Keller, H. — *A História de Minha Vida* — Tradução do Prof. G. Espinola da Veiga — Livraria José Olímpio Editora — Rio de Janeiro — 1943.

(5) — Rachou, R. — Ob. cit. na chamada n.º 1 — Pá. 247.

(6) — Dos arquivos do Instituto Benjamin Constant.

lados, vi-me longe de todos e fora da vida, sem calor, sem ar e sem amor. Afinal, como criança enjoada de seu brinquedo novo, o mar atirou-me à praia, meio desacordado. De pronto, Miss Sullivan tomou-me e apertou-me demoradamente nos braços. Oh! que consolo me trouxe esse abraço terno e prolongado. Mal me achei restabelecido do susto, perguntei: "Quem é que pôs sal no mar?!" (7)

Não resta a menor dúvida de que foi uma experiência rude, mas bastante proveitosa para Hellen Keller. Ela começou justamente por onde deveria terminar: a natação. A coordenação motora exigida pela natação, faz com que a coloquemos entre as últimas atividades físicas em que se deve dedicar o cego.

Vejamos agora o que nos conta Karsten Ohnstad da sua vida universitária:

"Quando voltei à escola no segundo outono, senti com prazer que crescia a minha confiança em mim mesmo. Podíamos andar sózinhos por toda a parte, ler, jogar uma espécie de base-ball e correr na pista coberta de cinzas, agarrando um anel que deslizava sobre um arame esticado à altura da cintura, num percurso de cerca de cem metros. O que queríamos, porém, era fazer também todas as outras coisas que fazem as pessoas dotadas de vista.

Era milagre que não nos matássemos em meio das nossas atividades físicas. Lutávamos corpo a corpo nos quartos, caíamos com violência no chão, atirávamos mesas e cadeiras contra as camas. Jogávamos box, respeitando a regra de não dar golpes acima dos ombros. Em um encontro desses, dei um passo em falso no tapete, caí para frente e machuquei um olho com a maior infelicidade em qualquer outro objeto.

"A maior sensação de liberdade eu tive talvez no último inverno que passei na escola, quando Mooster nos deu a idéia de fazer esquis. Alguns rapazes não inteiramente cegos nos emprestaram os seus equipamentos.

Procuramos uma boa colina perto da pedreira, e fizemos uma grande fogueira. Depois, Dewing, que exercitava um pouco, trepou nos seus esquis e sumiu pelo declive da colina.

— Tem alguma árvore lá em baixo? perguntou Artur a Dewing, quando este, ofegante, tinha subido até nós.

— Acho que não. Não encontrei nenhuma.

A Artur, nem mesmo os olhos lhe restava, e eu não pensei que estivesse falando a sério em descer de esquis pela colina abaixo. Mas Dewing dispôs-lhe os esquis na direção conveniente, e Artur, deslizando até a borda, mergulhou na escuridão. Petrificado, eu apurava o ouvido para escutar o ruído do choque, quando êle fosse de encontro a algum carvalho ou alguma lage saliente de granito. Então ouvimos, vindo de muito longe, o conhecido grito de Artur: "Pronto!".

Ao chegar a minha vez, hesitei. Não me sorria a idéia de me largar no espaço sem nenhuma noção do que pudesse topar no caminho. Prendi afinal os esquis, e Dewing me dirigiu para a descida. Durante um segundo de expectativa ansiosa, hesitei à beira do declive. Depois, senti o chão fugir debaixo de mim, e fui-me embora. Desci sibilando, com uma velocidade cada vez maior, até que os esquis se abriram e, num abrir e fechar de olhos, fui rolando por uma série de bancos de neve.

Desvencilhei-me por mim mesmo e com muito custo voltei ao alto. "Eu quero tentar outra vez, Dewing; você me bota de novo na linha?" E novamente merguei para baixo, com o vento a fustigar-me o rosto. Eu me agachava, inclinava-me para a frente. A todo o momento, esperava rodar com a cabeça nos calcânhares... "Cneguei! berrei para o alto. "Eu acho que tem uma cerca fechando o caminho mais adiante!" Eu sentia, de fato, a presença de um objeto qualquer na minha frente. Caminhei um pouco e dei com êle. Era uma árvore! A pouco mais de um metro de mim, entre os meus esquis, erguia-se um robusto tronco...

Mais tarde exercitamo-nos no tobogã, e depois nos reunimos ao redor do fogo. Mooster atirava à fogueira grandes braçadas de ramos secos, e nos aquecíamos no calor daquele clarão. Era realmente ótimo estar ao ar livre fazendo coisas que tínhamos pensado nunca mais poder tornar a fazer.

Quando perdi a vista tive de abandonar aquilo que sempre me pareceu constituir uma parte inseparável da minha vida: ler e escrever, atletismo, música, trabalhos manuais, cultura. Agora, ao cabo de três anos, tudo isso me tinha voltado." (8)

E mais adiante acrescenta:

"Não tardei em conhecer todos os aspectos dos terrenos da Universidade, ia sem embaraço de uma aula para outra, aprendi o difícil atalho que levava ao ginásio, nadava na sua piscina." (9)

O que acabamos de ler é bastante significativo e demonstra a necessidade que sentia Ohnstad de praticar exercícios físicos, a ponto de considerar o atletismo uma parte inseparável da sua vida.

Quando de nossa recente estada em Buenos Aires, por ocasião do Primeiro Congresso Argentino de Educação Física, em dezembro de 1943, tivemos oportunidade de conhecer o magnífico trabalho que vem sendo realizado no Asilo Instituto Romeu Rosell, onde aos cegos internados se proporcionam exercícios físicos sistematizados e jogos. O professor Armando Mário Monti, a cargo de quem se encontra a orientação neste sector, narrou-me o caso comovido de um cego que houvera sido um grande jogador de pelota e que, segundo a opinião dos oftalmologistas, jamais poderia recobrar a visão. Os médicos lhe haviam proscrito qualquer atividade física, uma vez que esta lhe produzia sempre ligeira inflamação nos olhos. Ciente disto, o cego não se conteve e replicou:

— Senhores, se é verdade que nunca mais poderei ver, não me privem da única coisa que ainda me proporciona algum prazer: o meu jogo de pelota. Por favor, deixem-me jogar!

Tão comoventes palavras evidenciam bem o estado da alma desse cego que nada mais esperava do mundo a não ser jogar um pouco de pelota, momento em que podia esquecer a imensa tristeza que o acabrunhava.

O professor José Espínola Veiga, Chefe da Seção de Educação do Instituto Benjamin Constant, cego desde a idade de dois anos, em uma das palestras que com êle mantivemos, nos afirmou que o seu maior prazer consis-

(8) — Ohnstad, K. — "O mundo nas pontas dos dedos" — in "Seleções do Reader's Digest — Tomo II — N. 11 — Dezembro de 1942 — Pág. 112.

(9) — Idem, idem, pág. 114

(7) — Keller, H. — Ob. cit. no N.º 4 — Págs. 60 e 61.

tia em remar, acrescentando que tivera mais dificuldade em aprender a nadar do que a falar inglês e francês. (10)

A alegria que temos encontrado nas nossas sessões de exercícios físicos, no Instituto Benjamin Constant, é algo comovente.

Assim, depois de uma pausa no nosso trabalho, retomamos a direção das sessões de exercícios físicos; no dia em que reaparecemos, os acontecimentos tiveram êste desenrolar. Tendo entrado pelo portão lateral, quando chegamos a uns 30 metros, um dos amblíopes nos percebeu e gritou :

— Lá vem o "seu" Marinho !

A essa voz todos correram, cada um como podia, na direção indicada, batendo palmas e gritando:

— Viva o "seu" Marinho !

E me abraçavam efusivamente, apertando-me as mãos, pisando-me os sapatos e amarrotando-me tôda a roupa. E, no meio de tudo isso, eu me sentia feliz e emocionado, com a espontaneidade daquela manifestação. Fizemos muitas perguntas sobre a minha viagem ao sul e se mostraram ansiosos para que eu desse alguns jogos.

De outra feita, um dos professores faltou e tivemos de arcar com as duas turmas, a dos cegos e a dos amblíopes. Primeiro ministramos exercícios aos cegos e depois nos preparamos para cuidar dos amblíopes. Tínhamos iniciado a sessão para êstes, quando um dos cegos, os quais deixáramos sentados apanhando sol, me perguntou :

— Professor ! Posso fazer de novo ?

Achamos graça e lhe respondemos afirmativamente:

— Eu também posso ? perguntou outro e logo a seguir um terceiro.

Dissemos então :

— Quem quiser fazer de novo pode vir.

E todos se levantaram, aproximando-se de nós.

Terminado o trabalho desse dia a inspetora Yolanda nos afirmou :

— Essa é a aula de que êles mais gostam.

Essa frase nos despertou a curiosidade de realizar um pequeno inquérito. E dos dezoito meninos inquiridos dezeseite confirmaram essa preferência, o que representa uma percentagem de 94,4%.

A NOSSA EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

1) — Primeiro Contacto

O nosso primeiro contacto com as crianças cegas verificou-se no dia 1.º de Junho. Tínhamos sido prevenidos de que os cegos são muito desconfiados e nos preparamos para conquistar a simpatia e a confiança dêles, como a primeira parte a cumprir do nosso programa. Por essa época eram apenas doze os alunos matriculados, dos quais oito do sexo masculino.

Chegados que fomos ao local onde estavam as crianças reunidas, a inspetora dêles encarregada nos apre-

sentou como sendo os professores de ginástica. (1) Saudaram-nos com um "bom dia" e permaneceram caladas. A primeira coisa que perguntamos foi se gostavam de bolas e, como respondessem afirmativamente, fizemos a distribuição dos dois pacotes que havíamos levado. Isso já as predipôs de maneira mais favorável e fez com que ficassem mais loquazes. Realizamos então um inquérito para saber o que cada um dêles desejava fazer e o resultado foi o seguinte :

Meninos

Antônio (11 anos) — Jogar bola.

Mário (12 anos) — Brincar de roda.

Paulo (9 anos) — brincar de empurrar um carro.

Garcia (11 anos) — Jogar bola.

Milton (13 anos) — Jogar bola (em seguida corrigiu para jogar futebol).

Aristóteles (11 anos) — fazer samba — puxar carrinho.

Wallace (11 anos) — Jogar bola.

Albino (11 anos) — Jogar bola.

Meninas

Leonildes (9 anos) — brincar de boneca.

Bety (11 anos) — brincar de boneca.

Léa (11 anos) — brincar de boneca.

Lélia (13 anos) — contar e ouvir histórias.

Interpretando as respostas dos meninos, verificamos que, dos 8, 5 preferem jogar bola, 1 empurrar um carro, 1 puxar um carrinho e 1 brincar de roda. Analisando de forma profunda a razão das respostas, chegamos à conclusão de que elas representavam os brinquedos a que estavam acostumados no seio de suas famílias, talvez o brinquedo que lhes tivesse deixado mais fortes recordações. A única resposta que nos causava espécie era a de Mário, que, com 12 anos, gostava de brincar de roda. E para êste também encontramos a explicação necessária: possuía irmãs com as quais brincava de roda. (12)

Relativamente às respostas das meninas, nenhum comentário de importância temos para fazer, uma vez que elas são naturais. A preferência de Lélia para contar histórias é explicada pelo desejo de transmitir às suas companheiras as histórias que lhe contavam no seio de sua família.

Prometemos a cada uma das crianças que elas teriam sempre oportunidades de fazer o que mais gostassem. Indagamos, a seguir, se gostariam de ir conosco à praia; três nunca tinham ido e nove já a conheciam. Todos, porém, se manifestaram interessados em poder ir à praia, e tomar banho de mar.

A essa altura já estávamos todos muito amigos; as crianças nos abraçavam e cada uma procurava contar o que sabia fazer.

(11) — A Professora Alice Hargreaves nos acompanhava e as meninas iam ficar sob a sua responsabilidade.

(12) — Os modos desse menino eram bastante afeminados; seus gestos, suas palavras, sua atitude, seu comportamento faziam perceber o íntimo contacto em que vive com meninas, adquirindo-lhe todos os hábitos; atualmente, pelo cuidado especial que estamos dedicando, já se apresenta quase completamente corrigido.

(10) — Isso se explica porque a natação exige grande coordenação motora, ritmo respiratório sincronizado com o movimento de braços e, como o cego não pode utilizar o processo da imitação, sente grande dificuldade em apreender os movimentos, que executa arritmicamente. Além disso, a água representa para êle um mundo desconhecido, que precisa ser cuidadosamente explorado.

Organizamos dois grupos: um dos amblíopes e outro dos cegos. A seguir, perguntamos a cada um o nome pelo qual desejava ser chamado (nome de guerra) e procuramos gravá-los. Julgamos então oportuno falar-lhes sobre as finalidades que tínhamos em vista, sobre o motivo pelo qual ali estávamos. E, como seria natural, tivemos de fazê-lo de maneira muito objetiva, afim de que eles pudessem ter uma imagem fiel do que pretendíamos.

— Vocês conhecem o Tarzan? Já ouviram falar dele? indagamos aos meninos.

Todos já tinham ouvido falar do Tarzan, que era um homem muito forte que vivia na floresta e não tinha medo de nada, tal o perfil que me traçaram desse personagem.

— Pois nós vamos fazer com que vocês fiquem iguais ao Tarzan, explicamos.

Ficaram radiantes. Dirigimo-nos então às meninas:

— E vocês já ouviram falar na Dorothy Lamour?

E tôdas responderam afirmativamente.

— Pois, para isso, é necessário fazer exercícios todos os dias, acrescentamos.

E elas concordaram.

Estava na hora de se retirarem e então o Paulo (o menor de todos — 9 anos), querendo manifestar a sua gratidão, perguntou:

— “Seu” Marinho, quer que cante um samba para o senhor ouvir?

— Quero, quero sim, respondi.

E imediatamente êle começou a cantar um samba, sendo acompanhado no côro pelos demais, inclusive as meninas.

E êsse foi o nosso primeiro contacto com as crianças cegas.

2) — Condições físicas das crianças do Instituto Benjamin Constant

Pretendemos aqui demonstrar objetivamente, com números e não palavras, a necessidade que tem o cego de exercícios físicos para que a sua educação física se processe garantindo-lhe posteriormente o pleno desenvolvimento de tôdas as suas capacidades físicas e psíquicas. Pela comparação que teremos oportunidade de fazer, verificaremos a situação de inferioridade física em que se encontram as crianças cegas recém-internadas no Instituto Benjamin Constant. Afim de impessoalizar, tanto quanto possível, as nossas observações, designaremos cada criança sómente pelo seu nome próprio.

A estatura e o peso colhidos no Instituto Benjamin Constant (13) serão comparados com as normas estabelecidas pela Divisão de Educação Física, com a colaboração do Serviço de Estatística do Ministério da Educação e Saúde, para as quais foram utilizadas mais de 22.000 fichas médico-biométricas de estudantes secundários do Brasil. Afim de tornar o trabalho mais preciso, separaremos os amblíopes dos cegos.

(13) — Êsses elementos foram colhidos pelo Dr. Florduardo Borges Sampaio, médico do Ministério da Educação e Saúde com exercício no Instituto Benjamin Constant.

ESTATURA (14)

Amblíopes

(Sexo masculino)

Nome	Idade	Estatura	Média da D. E. F.	Diferença
Herondino	15	155,5	161	— 5,5
Derby	15	147	161	— 14
Albino	11	139	141	— 2
Milton	13	130	150	— 20
Antônio	11	146	141	+ 5
Luiz Carlos	15	164,5	161	+ 3,5
Aurino	15	162	161	+ 1
Geraldo	14	155,5	155	— 0,5

Diferença média — 4

(Sexo feminino)

Nome	Idade	Estatura	Média da D. E. F.	Diferença
Ana Lúcia (15)	7	111,5	118,8	— 7,3
Célia	16	155	156	— 1
Terezinha (16)	6	99	117,7	— 18,7
Nina (17)	9	117,5	128,5	— 11

Diferença média — 9,5

Cegos

Nome	Idade	Estatura	Média da D. E. F.	Diferença
João Batista	15	128,5	161	— 32,5
Nilo	18	153,5	168	— 14,5
Mário	12	141,5	145	— 3,5
Paulo Cesar (18)	9	113	129,7	— 16,7
Aristóteles	11	126,5	141	— 14,5
Amador	16	162	164	— 2
Paulo Fernandes	13	131,5	150	— 18,5
Wallace	11	133	141	— 8
Carlos	14	148	155	— 7
Cleto	14	142	155	— 13

. — 13 Diferença média

(14) — Expressa em centímetros.

(15) — Como as tabelas elaboradas pela Divisão de Educação Física tomam a idade a partir de 11 anos, lançamos mão das estatísticas levantadas pelo Prof. Manoel Ambrosio Torres, com a utilização de escolares do Distrito Federal e de Niterói e publicadas no trabalho de sua autoria intitulado “Antropometria Pedagógica” — Rio de Janeiro — 1933 — Pág. 43.

(16) — Idem, Idem.

(17) — Idem, Idem.

(18) — Idem, Idem.

(Sexo Feminino)

Nome	Idade	Estatura	Média da D. E. F.	Diferença
Adélia (19)	20	141	156	— 15
Leonildes (20)	9	119,5	128,5	— 9
Luiza	16	150	156	— 6
Nilza (21)	9	129	128,5	+ 0,5
Iraci	17	144	156	— 12
Bety	11	133,5	146	— 12,5
Léa	11	133,5	146	— 12,5
Ana	16	135,5	156	— 20,5
Zilda	16	135,5	156	— 20,5
Diferença média				— 12

P Ê S O (22)

Amblíopes

(Sexo masculino)

Nome	Idade	Pêso	Média da D. E. F.	Diferença
Herondino	15	45,000	49,800	— 3,800
Derby	15	41,500	49,800	— 7,300
Albino	11	33,000	34,760	— 1,760
Milton	13	31,000	44,430	— 13,430
Antônio	11	35,400	34,760	+ 0,640
Luiz Carlos	15	58,000	49,800	+ 7,200
Aurino	15	56,300	49,800	+ 6,500
Geraldo	14	48,400	44,590	+ 3,810
Diferença média				— 1,017

(Sexo feminino)

Nome	Idade	Pêso	Média da D. E. F.	Diferença
Ana Lúcia (23)	7	16,500	21,700	— 5,200
Célia	16	51,700	50,120	+ 1,580
Terezinha (24)	6	15,800	20,400	— 4,600
Nina (25)	9	18,500	24,100	— 5,600
Diferença média				— 3,455

Cégos

(Sexo masculino)

Nome	Idade	Pêso	Média da D. E. F.	Diferença
João Batista	15	39,600	49,800	— 10,200
Nilo	18	48,400	57,850	— 9,350
Mário	12	36,600	37,380	— 0,780

Paulo Cesar (26)	9	23,200	26,700	— 3,500
Aristóteles	11	26,800	34,760	— 7,960
Amador	16	59,800	53,150	+ 6,650
Paulo Fernandes	13	33,800	44,430	— 11,630
Wallace	11	28,300	34,760	— 6,460
Carlos	14	35,800	44,590	— 9,790
Cléto	14	37,400	44,590	— 7,190

Diferença média — 6,020

(Sexo feminino)

Nome	Idade	Pêso	Média da D. E. F.	Diferença
Adélia (27)	20	46,500	50,370	— 3,870
Leonildes (28)	9	20,800	24,100	— 3,300
Luiza	16	51,200	50,120	+ 1,080
Nilza (29)	9	23,800	24,100	— 0,300
Iraci	17	46,300	50,180	— 3,880
Bety	11	35,000	36,010	— 1,010
Léa	11	26,800	36,010	— 9,210
Ana	16	42,300	50,120	— 7,820
Zilda	16	42,300	50,120	— 7,820
Diferença média				— 4,014

Interpretemos agora os dados que acabam de ser alinhados.

Primeiramente quanto à estatura. Observamos, que tanto nos amblíopes, como nos cégos, quer do sexo masculino, quer do feminino, a estatura das crianças internadas no Instituto Benjamin Constant se apresenta bastante inferior à média estabelecida pela Divisão de Educação Física. Assim, os amblíopes do sexo masculino apresentam uma diferença média de — 4 centímetros, havendo um caso de — 20 centímetros e outro de — 14; entre os amblíopes do sexo feminino, a diferença média é de — 9,5 centímetros e a anormalidade mais acentuada acusa — 18,7 centímetros. Relativamente aos cégos, o caso se apresenta bastante agravado. Para o sexo masculino existe uma diferença média de — 13 centímetros e o caso de anormalidade mais acentuada acusa — 32,5 centímetros, o que é verdadeiramente alarmante; para o sexo feminino a diferença média é de — 12 centímetros e o limite máximo da anormalidade chega a — 20,5 centímetros. Sem realizar a separação de sexos, encontramos para os amblíopes uma diferença média de — 5,8 e para os cégos uma diferença média de — 12,8; conclui-se daqui que os cégos precisam de muito mais exercícios físicos que os amblíopes. Reunindo tôdas as crianças internadas no Instituto Benjamin Constant, verificamos que apresentam uma diferença média de — 9,9 centímetros na estatura, em relação às crianças normais.

Vejamos agora quanto ao pêso. Este também se mostra muito abaixo do normal, não tanto entre os amblíopes, mas principalmente entre os cégos. Os amblíopes do sexo masculino apresentam uma diferença média de — 1,017 quilogramas, registando-se um caso de — 13,430 quilogramas; entre os amblíopes do sexo feminino a diferença média é de — 3,455 quilogramas e o caso de anormalidade mais acentuada acusa — 5,600 quilogramas. Da mesma forma que quanto à estatura, com relação aos cégos a situação aparece bastante agradável. A diferença

(19) — Como não tivéssemos a média para 20 anos, utilizamo-nos da calculada para 18 anos, uma vez que a partir dos 16 anos a estatura média das moças estaciona em 1,56m.

(20) — Idem, idem.

(21) — Idem, idem.

(22) — Pêso expresso em quilogramas.

(23) — Idem ao n.º 15.

(24) — Idem, idem.

(25) — Idem, idem.

(26) — Idem, idem.

(27) — Idem, idem.

(28) — Idem, idem.

(29) — Idem, idem.

médi entre os do sexo masculino é de — 6,020 quilogramas, havendo casos de — 11,630 e — 10,200 quilogramas; para os cégosdo sexo feminino a diferença média é de — 4,014 quilogramas, existindo um caso de — 9,210 quilogramas. A diferença média, sem distinção de sexos, é de — 1,830 quilogramas para os amblíopes e de — 5,390 para os cégos. De um modo geral as crianças internadas no Instituto Benjamin Constant apresentam uma diferença média de — 4,010 quilogramas em relação às crianças normais de idade correspondentes.

Temos a impressão de que, com os convincentes argumentos que acabamos de apresentar, ninguém se atreverá a negar a importância da educação física do cego e considerá-lo como o elemento principal para a perfeita integração do cego na sociedade.

3) — Observações do nosso trabalho diário

O nosso trabalho diário permitiu que fôssemos colhendo algumas observações que passaremos a expor da maneira objetiva.

Regras a seguir na apresentação dos exercícios — Deveremos, tanto quanto possível observar as seguintes regras:

I) — Iniciar o trabalho partindo sempre dos exercícios de dois tempos;

II) — Dar a noção do movimento pelo tato;

III) — Evitar o enunciado dos exercícios na forma clássica e, como é impossível utilizar o célebre "Façam como eu", uma vez que se trata de cégos, devemos lançar mão de imagens que possam ser prontamente concebidas pelos cégos; nada de "elevação vertical dos braços em diferentes planos", ou "circundução dos braços", etc., mas apenas "braços para cima", "braços para baixo", "levantar a pena direita com o joelho dobrado", etc.;

IV) — Exercitação livre de cada um;

V) — Correção individual (os amblíopes poderão ser aqui utilizados com grande eficiência);

VI) — Execução do exercício mediante ordem (reacção ao estímulo);

VII) — Execução do exercício dentro do ritmo normal (auxiliar com o apito, contagem ou cadência em tambor — quando possível realizar o exercício com música);

VIII) — Introdução do movimento dentro da série já conhecida (as séries não deverão ser longas, para não exigir grandes esforços de memória).

A personalidade do cego — Aqui está um dos pontos mais delicados da questão. O cego, como todos nós, está conciente de sua personalidade. Assim, o professor de educação física não deverá esquecer ou trocar o nome de cada aluno durante o seu trabalho; é importantíssimo para o êxito deste que o professor grave o nome de cada um. Tal ponto nos preocupou tanto que solicitamos da Divisão do Material do Ministério da Educação que as camisas para as sessões de exercícios físicos tivessem o nome de cada um bordado à altura do peito. Chegamos mesmo a sugerir ao Diretor do Instituto que os alunos usassem, na lapela, uma pequena chapa de metal com o respectivo nome gravado, o que facilitaria qualquer pessoa chamá-los pelo nome, isto é, o nome por que habitualmente são conhecidos. Vamos narrar um pequeno incidente, com o qual demonstraremos a importância do assunto. Quando retomamos a direção das sessões,

após uma pequena pausa correu este fato: dispúnhamos os alunos em certa formação e, dirigindo-nos a um deles, dissemos:

— Você Mário, aqui neste lugar. E pegamos o menino para indicar o lugar.

Visivelmente surpreendido, o menino retrucou:

— Eu não sou o Mário não; eu sou o Milton, "Seu" Marinho. O senhor já me esqueceu?

E então sentimos toda a extensão do nosso erro; tínhamos acabado de causar desilusão a uma criança que não nos tinha esquecido.

Outra coisa que o professor precisa ter muito cuidado é com a questão de apelidos, aos quais os cégos são muito sensíveis. Certo dia apareceu um aluno novo, cego, muito tímido, e sem o mínimo desejo de entrar em conversa conosco. Como lhe tivéssemos perguntado o nome, um dos amblíopes ao seu lado respondeu por ele, informando-nos de que o recém-chegado se chamava Galhardo. E, com a maior boa fé, começamos a chamar Galhardo para cá e Galhardo para lá. Por fim o garoto não se conteve mais e explodiu:

— Eu não sou Galhardo, não senhor; meu nome é Carlos.

E só então compreendemos que, involuntariamente, havíamos servido de galhofa para os demais. Este pequeno incidente custou-nos a antipatia desse menino até o dia em que chegaram os brinquedos e o material para os exercícios, quando fizemos questão que ele tivesse a prioridade na escolha.

Voz Agradável — A sonoridade da voz é de grande importância para o professor de educação física que vai lidar com os cégos, pois eles simpatizam ou antipatizam conforme a voz seja agradável, cheia, sonora ou desagradável, fanhosa, esganicada. Apreciam muito a voz grave, as palavras bem pronunciadas, com todos os rr e ss, de maneira que as possam perceber sem grande esforço.

Disciplina — É mais fácil manter a disciplina entre os cégos do que entre os amblíopes. Nunca tivemos necessidade de aplicar qualquer sanção, mesmo por ou contra os castigos, assim como contra os prêmios. As nossas sessões sempre decorreram dentro da maior disciplina, porque todas as crianças estavam sempre interessadas na atividade que desenvolviam. E onde há interesse há disciplina. As nossas sessões de exercícios físicos são tão apreciadas pelas crianças, que as inspetoras lançam mão do artifício de ameaçá-las de não deixar "azer ginástica", quando algumas se mostram rebeldes a esta ou aquela determinação.

Algumas recomendações sobre exercícios já experimentados — Os cégos poderão executar quase todos os exercícios indicados para os normais, desde que as obedea a uma certa progressão, de modo que o cego vá desenvolvendo a confiança em si mesmo. Certos exercícios não deverão ser inicialmente apresentados e entre estes figuram os que fazem o cego perder contacto com o sólo, isto é, os saltos. Obedecendo a sequência do Regulamento Geral de Educação Física n.º 7, há que fazer as seguintes observações sobre os exercícios:

Evolucões — Executam bem a marcha normal, a marcha em diferentes cadências, a marcha batendo com os pés e a marcha em serpentina; as demais só com muito

treino poderão ser realizadas. O professor Mário Monti do Instituto Romeu Rosell, da Argentina, para a marcha, dispõe os cegos em coluna por um e faz com que cada aluno, com o braço estendido, toque o companheiro da frente com as pontas dos dedos. Embora tivéssemos começado por essa prática, pouco depois a abolimos, pois isto concorre para que cego adquira o hábito de correr o mesmo andar com o braço estendido. Achamos preferível que, de vez em quando, um cego tropece no seu companheiro da frente, ou que o de trás lhe pise os calcanhares; com a continuação do exercício, adquirem uma noção exata da distância que devem conservar entre si.

Exercícios de braços — Poderão executar todos, desde que se observe a sequência já recomendada: primeiro exercícios em dois tempos, depois em três tempos e assim por diante. Não deverão ser empregados exercícios de mais de quatro tempos, pois exigem certo esforço de memória.

Exercícios de pernas — Idem, idem.

Exercícios de tronco — Manifestam certa reação pela inclinação do tronco para a frente, mas depois o realizam sem dificuldade.

Exercícios abdominais — Não poderão ser esquecidos para os cegos, que deles muito carecem.

Exercícios combinados — Relutam bastante na sua aceitação; executam os mais fáceis.

exercícios assimétricos — São bastante indicados para os cegos, mas há grande dificuldade destes na sua execução, motivo por que só deverão ser utilizados partindo sempre dos mais elementares.

Exercícios respiratórios — Todos os cegos com os quais trabalhamos apresentavam grande deficiência respiratória, de modo que os exercícios deste grupo terão de ser utilizados como ginástica corretiva.

Marchas — As marchas são ótimas para dar ao cego o balanceamento de braços de que carece quando se locomove. Sentem grande dificuldade na realização da marcha rastejante; esta não deve ser excluída do quadro de exercícios para os cegos, mas figurar entre os exercícios de maior complexidade, os quais só deverão ser ministrados quando já tiveram sido desenvolvidas certas habilidades motoras.

Exercícios de trepar — Apreciam e podem executar todos.

Exercícios de suspensão — Raro é o cego que não apresente um desvio da coluna vertebral; estes exercícios são pois bastante indicados e por ele realizados com prazer.

Exercícios de apoio — Podem e devem executá-los.

Exercícios de equilíbrio — São dos mais indicados para o desenvolvimento do sentido muscular, de que o cego tanto carece. Utilizámos com grande frequência o deslocamento sobre um meio fio, criando a imagem de que se tratava de uma ponte; quem caísse do meio fio era

como se tivesse caído da ponte ao rio. E todos se esforçavam para não cair no rio. Os exercícios de equilíbrio sobre a trave completam esta série. A transposição do pórtico deve ser evitada, pois coloca em perigo a vida do aluno. Poderá ser realizada por cego dotado de excepcional sentido muscular e grande sangue frio.

Exercícios de saltar — O cego não gosta de perder o contacto com o sólo, pois isso lhe dá uma sensação de insegurança. Os exercícios de saltar deverão ser feitos de modo que o cego tenha as mãos apoiadas em qualquer objeto estável (espaldares, traves, corrimões, etc.); destes passaremos aos saltos no mesmo lugar, depois aos saltos em distância sem impulso, aos saltos em distância com impulso, aos saltos em profundidade e, por último, aos saltos em altura, sem impulso, e com impulso. Para os saltos em distância devemos utilizar uma táboa de impulsão de 60 centímetros de largura, de modo que o cego, ao sentir a mudança de piso, arme o salto. Para o salto em altura sem impulso o cego deverá ser colocado próximo ao sarrafo ou corda, apalpá-lo, escolher a distância a que ficar, tatear novamente o obstáculo para ter a noção exata de onde se encontra, armar o pulo e saltar. O salto em altura com impulso só será possível depois de muito treino; em nossas experiências não conseguimos a realização de nenhum salto em altura com impulso.

Exercícios de levantar e transportar — Podem realizar qualquer exercício desta categoria e gostam de fazê-lo. Preferem aquêles em que transportam um companheiro aos em que se utilizam fardos.

Exercícios de correr — A princípio os realizam com grande timidez, mas aos poucos se vão desembaraçando; os exercícios de corrida e os de luta são aquêles em que o espírito de competição se manifesta mais acentuadamente. A princípio correm com os braços estendidos para a frente, depois o fazem com os braços caídos ao longo do corpo e, pouco a pouco, vão adquirindo os movimentos peculiares da compensação de deslocamento, que os braços realizam para a manutenção do equilíbrio do corpo e para maior velocidade do deslocamento.

Exercícios de lançar — E' interessante assinalar que algumas crianças não têm a mínima noção de espaço nem de direção; quando experimentámos o lançamento de pequenas pedras para a frente, embora nos mantivéssemos à retaguarda dos alunos dispostos em linha de uma fileira, quase fomos atingidos; um houve que arremessou a pedra nos próprios pés. Felizmente nenhum a lançou na cabeça do companheiro; foi uma experiência que nos custou grande susto, pois as pedras saíram impulsionadas com grande violência e em tôdas as direções. Isto serviu como advertência para os lançamentos dos pesos, que ainda não utilizamos. Temos usado sómente os medicine-balls, as bolas de estopa, bolas de borracha e a bola de futebol. Estamos inclinados a excluir os pesos esféricos de material recomendável para os cegos, da mesma form apor que já eliminamos os pesos de base hexagonal. As medicine-balls deverão ser de um a três quilos, mas com um único diâmetro, isto é, o diâmetro da de três quilos, pois facilita mais a pegada da bola.

Exercícios de lutar (atacar e defender-se) — São aquêles de que mais gosta mos meninos, mas o professor de educação física deverá ser parcimonioso na sua aplicação, pois concorrem para o desenvolvimento de certa agressividade. E' preciso evitar, inicialmente, os exercícios de corpo a corpo; para isso utilizar o bastão ou a corda. No dia em que ensinamos alguns golpes de jiu-jitsu, para ver como os aceitavam, mostraram-se deslumbrados com a novidade e todos desejavam sentir os efeitos dos golpes e aplicá-los também; nenhum inconveniente achávamos nisso e até nos sentimos satisfeitos em lhes proporcionar algo novo e que tanto prazer lhes despertasse. Mas, terminada a sessão de exercícios físicos, cada um desejava mostrar a sua eficiência, escolhendo, para isso, o companheiro que lhe ia à frente. E, antes que nos ausentássemos, no caminho para o banho, dois já estavam chorando porque tinham servido de cobaias a outros mais espertos. Este é o aspeto desvantajoso, que se encontra compensado pela confiança que o cego adquire nas suas próprias forças. Todos os exercícios educativos de luta são por êles sempre transformados em competições; assim, se, por exemplo, fazemos resistência à flexão das pernas acontece sempre um subjugar o outro, empregando o máximo da sua força, e não aceitando, sob hipótese alguma, a possibilidade de ceder.

Exercícios de ordem — Executam todos, inclusive marchar com cadência e conservando a distância regulamentar; para isso dispomos a criançada em coluna por

três, de modo que a primeira fileira seja constituída por um cego ladeado por dois amblíopes; a segunda por dois cegos ladeando um amblíope e assim por diante, alternadamente. Inicialmente fazemos com que os componentes de cada fileira enlacem os braços pela articulação dos cotovelos; posteriormente essa medida poderá ser revogada, recomendando-se aos amblíopes que zelem continuamente pela posição do cego.

Postura — Uma das maiores preocupações do professor de educação física deverá ser a de fazer com que todos os cegos adquiram uma postura correta; nessa missão deverá êle ser coadjuvado por todos os outros professores e pelos inspetores. E' o trabalho mais penoso e de maior importância. Conhece-se um cego à distância, ainda que parado, pela postura que apresenta. Reconhecemos ser muito difícil êsse trabalho e, por isso mesmo, não poderá ser realizado só pelo professor de educação física; êle requer a colaboração de todos para um rendimento certo e útil.

Jogos — A maior parte dos jogos para os cegos deverá requerer material sonoro. As campainhas, apitos, guizos, chocalhos e pandeiros são os objetos mais indicados. Eis alguns dos jogos que experimentamos com sucesso entre os cegos:

Cabo de guerra — E' daqueles que mais gostam; empregam-se a fundo e fazem questão de que o seu partido vença.

Toma, toma — Os alunos são dispostos em círculo, observada a distância de um braço estendido entre um e outro; o jogo consiste em passar a bola ao companheiro que está ao lado, gritando, na hora de passar "Toma"; êste estenderá o braço até tocar a bola e a passará ao outro companheiro pela mesma forma; pode-se introduzir variantes, utilizando, duas ou três bolas simultaneamente. O jogo poderá ser tornado mais difícil se fizermos com que êle se realize de modo que cada aluno esteja montado (cavalgando) sobre as costas de um companheiro.

Chuts na bola — Cada um toma a bola de futebol ou de borracha, coloca-a no chão e desfere, como achar melhor, um chute; o vencedor será aquêle que conseguir enviar a bola mais longe. Os cegos apreciam muito êste jogo, pois encontram nêle certa semelhança com o futebol.

Pegar o professor — O professor utiliza uma campainha, que badala constante ou intermitentemente e os alunos deverão procurar pegá-lo; afim de evitar encontros e tropeções, os alunos serão equipados com pulseiras de guizos. E' um dos jogos de que mais gostam. O professor poderá utilizar duas campainhas, uma em cada mão, usando-as convenientemente.

Estou aqui — Um dos cegos usa um pandeiro ou um chocalho; e o outro está equipado com guizos nos tornozelos, pulsos e pescoço. O que tem o pandeiro bate no instrumento e grita "Estou aqui!" e o dos guizos deverá pegá-lo. Há aspectos muito engraçados nêste jogo, pois as vêzes o do pandeiro está juntinho do que trás os guizos e, quando grita "Estou aqui!" é logo agarrado. E' possível introduzir variante aumentando o número dos pegadores.

Cabra cega — O que faz o papel de cabra cega usa guizos nos tornozelos, pulsos e no pescoço; os outros deverão gritar ou fazer barulho.

Bola na parede — O aluno fica a uma distância superior a três metros de uma parede e, utilizando a bola com guizos (bola de fabricação especial) deverá jogá-la à parede, deixá-la bater no chão, à sua frente, e apanhá-la. É jogo indicado para aqueles que já apresentem bom desenvolvimento do sistema neuro-muscular.

Tátatá — Os alunos são dispostos em círculo. Um deles começa o jogo dizendo tá; o seguinte deverá dizer imediatamente, tátá, o terceiro tátatá, o quarto tátátatá e assim por diante. Aquêlê que errar será excluído, processando-se dêste modo até que só exista um, que será declarado o vencedor. Este jogo desperta gostosas gargalhadas entre os cegos.

Corrida de estafeta — O professor deverá ser auxiliado por outra pessoa; os alunos são dispostos em duas equipes e correm sacudindo uma campainha, que devem passar ao companheiro de equipe; o professor de um lado e o seu auxiliar de outro trilarão, cada um por sua vez, o apito afim de orientar os corredores.

Foge da bola — Os alunos são dispostos em círculo e alguns três ou quatro, escolhidos para ficar no interior; êstes terão guizos nos tornozelos, pulsos e no pescoço; o professor coloca a bola (bola especial com guizos) na mão de um dos alunos do círculo, que, antes de arremessá-la gritará "La vai"; os que estão no interior terão de evitar ser atingidos e cada um que o fôr passará a integrar o círculo.

Estes dez jogos foram convenientemente experimentados e demonstraram êxito; outros, que também experimentamos, deixarão de ser aqui mencionados porque não surtiram os resultados que dêles esperávamos.

Futebol para cegos — Excluímos o mesmo pela sua impraticabilidade; lançamos mão de todos os recursos, mas não logramos êxito. Com frequência a bola (mesmo a bola com guizos) ficava por longos espaços de tempo perdida, sem que qualquer dos contendores a encontrasse. Afim de evitar tal inconveniente agitávamos a campainha sobre ela; isso fazia com que quase todos corressem nessa direção, encontrando-se uns com os outros. Mesmo quando tinham guizos êsse fato acontecia. Temos a impressão de que o futebol não será indicado para os cegos. No entanto, é o de que os amblíopes mais gostam.

Desportos Individuais — Temos a impressão de que poderão ser praticados com mais facilidade que os desportos coletivos. São indicados o atletismo (corridas, saltos e lançamentos, êstes últimos somente para os mais adestrados), luta, ginástica de aparelhos, remo e natação. As corridas de velocidade deverão ser disputadas em pistas para êsse fim especialmente construídas, de modo que os corredores sejam separados por um arame à altura dos quadris; êsses corredores terão um metro de largura e não 1,25m, como habitualmente ocorre.

Desportos coletivos — O remo em barcos de guarnição e o cabo de guerra (obedecidas as regras a que está subordinado como desporto) são os mais indicados. O "hand-ball" também será possível, mas não o experimentamos; quanto ao futebol, basquetebol e voleibol não acreditamos que possam ser praticados com eficiência, principalmente êste último que deverá ficar, desde logo, fora de cogitações. O polo aquático talvez possa ser jogado com êxito, mas, para isso, necessário se torna que todos os cegos sejam excelentes nadadores e que a bola esteja equipada com guizos.

Os exercícios que compuseram a nossa primeira sessão d eexercícios físicos para cegos — Tivemos o cuidado de escolher os exercícios que se nos afiguraram de execução mais fácil para crianças cegas e que nunca tinham realizado trabalho físico sistematizado. Eis a nossa primeira sessão, que representa uma série de exercícios, ou melhor, os exercícios em uma série, já associados pelo cegos:

Disposição da turma — coluna por um.

Evolução — Marcha batenlo com os pés.

Postura — Posição fundamental correta.

Braços — Elevação vertical dos braços.

Pernas — Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas, joelhos afastados, pés apoiados sobre o solo (execução do exercício em dois tempos).

Tronco — Mãos nos quadris: flexão e extensão do tronco.

Abdominal — Deitado em decúbito dorsal, elevação das pernas estendidas.

Combinado — Nenhum.

Assimétrico — Nenhum.

Caixa torácica — Flexionamento da caixa torácica com elevação dos braços flexionados.

Jogo — Pegar o professor.

Exercícios Respiratórios — A' vontade. O professor deverá fazer com que todos encham os pulmões plenamente e depois o esvasiem tanto quanto possível.

Marchar — Marcha nas pontas dos pés e marcha sobre os calcanhares.

Trepar — Transposição de um muro de 1,10m, de altura.

Suspensão — Suspensão alongada, em um bastão sustentado por dois companheiros, com os joelhos flexionados (revesar os alunos).

Apôio — Apôio d e frente sobre o solo; flexão e extensão dos braços.

Jogo — Toma, toma. (Inicialmente com um abola, depois com duas e, finalmente três).

Equilíbrio — Marcha sobre o meio fio.

Saltar — Mãos apoiadas no muro: saltitar no mesmo lugar.

Levantar e transportar — Transporte de um camarada por dois outros (processo da cadeirinha).

Correr — Correr na direção da campainha (40 metros).

Lançar — Lançar o medicine-ball ao companheiro a um metro na frente.

Lutar — Luta de tração com o bastão, dois a dois.

Jogo — Cabo de guerra.

Exercícios respiratórios — A' vontade. Observar as recomendações feitas anteriormente.

Ordem unida — Marcha com canto e ao som de tambores.

Atividade de livre escolha — De acordo com a preferência da grande maioria, improvisação de um samba. Os instrumentos utilizados foram os seguintes: — um tambor, duas caixas, três pandeiros e seis chocalhos.

Esta sessão de exercícios foi realizada durante duas semanas, mudando-se apenas os jogos; para a atividade de livre escolha têm preferido sempre cantar um samba. Na segunda semana, a elevação vertical dos braços foi substituída por elevação horizontal dos braços; na terceira semana foi introduzido o seguinte combinado:

elevação vertical dos braços combinada com flexão e extensão das pernas, joelhos afastados. Na quarta semana, a sessão foi acrescida deste exercício assimétrico: elevação simultânea de um braço no plano vertical e do outro no plano horizontal.

Não deverá ser introduzido mais de um exercício novo em cada sessão, pois, quando isso se verifica, há necessidade de corrigir individualmente a posição de cada aluno, o que traz grande perda de tempo.

Os amblíopes — Os amblíopes poderão realizar todos os exercícios indicados para os normais, desde que sejam graduados em intensidade e em complexidade. Da mesma forma que para os cegos, deverão primeiramente ser ministrados exercícios em dois tempos, depois em três e finalmente em quatro; os exercícios que requeiram um número maior de tempo deverão ser evitados, pois são muito cansativos para a memória.

O desporto preferido pelos amblíopes é o futebol; apreciam muito o cabo de guerra e disputam-no com verdadeiro ardor, principalmente quando as equipes são constituídas de um lado por cegos e de outro por amblíopes.

São excelentes auxiliares do professor de educação física na correção individual das posições dos cegos; deverão, no entanto, ser destes separados para as aplicações e, sobretudo, para os jogos. Estes últimos, quando destinados aos cegos, não apresentam nenhuma significação para os amblíopes.

Alguns amblíopes manifestam certo atraso no desenvolvimento mental; interessante é assinalar que, das 31 crianças cuja educação física nos foi confiada, observamos maior frequência de atraso no desenvolvimento mental entre os amblíopes do que entre os cegos.

Conclusão — Tais são as nossas observações de três meses de íntima convivência com as crianças do Instituto Benjamin Constant. Acreditamos que elas representam uma grande contribuição para o Método Nacional de Educação Física e constituam a base do trabalho que a respeito deverá a Divisão de Educação Física desenvolver. Estamos cada vez mais convencidos de que a integração do cego na sociedade, em condições iguais às dos outros seres humanos, só será possível se destes não diferirem acentuadamente na sua capacidade física. A cegueira é apenas um desajustamento dos sentidos, que, por não ter sido estudada e compreendida sob todos os seus aspectos, está transformando o cego num desajustado social.

A Educação Física há de fazer com que o cego tome o lugar que lhe cabe e desempenhe o papel que lhe assiste dentro da comunidade.

INSTALAÇÕES E MATERIAL ADEQUADOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA DOS CEGOS

Nossa preocupação no Instituto Benjamin Constant não se circunscreveu à escolha e aplicação dos exercícios, mas também se manifestou na experimentação de material que melhor atendesse às necessidades da educação física dos cegos. Felizmente, para nós e para os cegos que nos estavam confiados, o Instituto dispunha de terrenos, de verbas próprias e, um dos fatores mais impor-

tantes, de um diretor cheio de boa vontade, com perfeita compreensão das necessidades do cego, acessível aos nossos pedidos e que nenhum esforço poupou no sentido de que as nossas dificuldades fossem prontamente removida.

Assim, logo de início propusemos que, em dois terrenos destinados a jardins, fosse previstos um **play-ground** e um campo para exercícios físicos. E prontamente o Dr. João Alfredo Lopes Braga concordou com a nossa proposta, adiantando-nos mesmo que estava pleiteando a construção de uma piscina.

Dispondo já do terreno, projetamos o **play-ground** e o campo para exercícios físicos, que posteriormente foram localizados pela Divisão de Obras do Ministério de Educação e Saude na planta geral do edifício. Os detalhes dos aparelhos destinados tanto a um como a outro foram também por nós fornecidos, afim de que não houvesse dúvida sobre a sua confecção, recomendando-se mais que o material usado consistisse em madeira de lei e em ferro galvanizado.

O material móvel indicado para os exercícios físicos destinados a cegos poderá ser assim resumido:

Material para exercícios físicos :

- Bolas de estopa revestidas de couro, com 200 grs. de peso, do tamanho de bolas de tenis.
- Fardos cilíndricos de 15, 20 e 30 quilos.
- Medicine-balls, de 1, 2 e 3 quilos.
- Cordas de 2 metros para saltar e para tração.
- Bastões de 80cm. para luta.
- Bolas de tenis.
- Bolas de borracha.

Material para jogos :

- Bola de futebol com guizos.
- Campainhas.
- Apitos.
- Pulseiras e colares com guizos.
- Pandeiros.
- Chocalhos.
- Corda para cabo de guerra.
- Bastões para revezamento.

Material para educação sensorial :

- Raquetes e bolas de ping-pong.
- Guizos.
- Campainhas.
- Bolas de tenis.
- Bola de futebol com guizos.

Material desportivo :

- Discos.
- Dardos.
- Pesos esféricos.
- Alteres de 1, 2, 3, 5, 10, 20 30 e 50 quilos.
- Massas indianas.
- Rema-rema.
- Bolas e táboas para natação.
- Bola para polo aquático, com guizos.
- Barcos.

As instalações para o campo de exercícios físicos do Instituto Benjamin Constant, já em construção sob a nossa direção, conforme o projeto executado, serão as seguintes:

Pista reta de 5 metros, com corredouros, de um metro de largura separados, por fio de arame à altura de 60cms.

Caixa de arêia e serragem para saltos em altura e distância, com as respectivas pistas.

Aparêlho para saltos em altura.

Barras duplas (um par).

Pórtico com cordas, hastes e escadas, com 5 metros de altura e 6 de vão.

Traves para equilíbrio e exercícios de cavalgar (1 metro de altura).

Campo gramado de 25x50 m.

As instalações do **play-ground**, cuja construção também já foi iniciada sob a nossa orientação, obedecendo ao nosso projeto, serão estas:

Jôgo de seis balanços.

Jôgo de oito gangorras duplas (com capacidade para 32 crianças).

Deslizador.

Roda Gigante.

Carrocel.

Gaiola.

Traves cilíndricas para cavalgar, de 5m, de comprimento e 60 e 80 cms. de altura, respectivamente.

Traves de seção quadrangular para equilíbrio, de 5 metros de comprimento e 60 e 90 cms. de altura, respectivamente, providas de rampa de acesso.

Caixa de areia com 6x12m.

As instalações para o ginásio serão as que se seguem:

Escadas verticais de madeira.

Escadas inclinadas de madeira.

Escadas de corda.

Escadas horizontais.

Cabos lisos.

Cabos com nós.

Rastes metálicas.

Argolas.

Trapézio.

Barras metálicas.

Barras duplas.

Paralelas.

Cavalo olímpico.

Acolchoado para lutas.

Caixa de areia para saltos em profundidade.

Espaldares para ginástica corretiva.

Corrimão separando os aparêlhos.

Tabelas para basquetebol.

Com as instalações e o material que acabam de ser descritos, o Instituto Benjamin Constant estará convenientemente aparelhado para zelar pela educação física das crianças que lhe forem confiadas. Situado próximo à praia, permitirá aos cegos banhos de mar e a aprendizagem da natação, enquanto não for construída a sua piscina, para a qual já existe dotação orçamentária.

CONCLUSÃO

Com as observações colhidas de nossa experiência no Instituto Benjamin Constant e que se acham neste relatório expostas, temos a impressão de que a educação física para as crianças cegas do Instituto Benjamin Constant poderá ser atendida de maneira satisfatória.

Talvez fosse de grande oportunidade interceder junto à Divisão de Obras no sentido de que o **play-ground** e o campo para exercícios físicos fossem ultimados quanto antes. Por outro lado, o material móvel adquirido por nossa solicitação a título de experiência, precisa ser reforçado, uma vez que será por certo deficiente para a capacidade de matrícula prevista para o Instituto Benjamin Constant.

A admissão de professores de educação física, pelo menos de um professor para os alunos do sexo masculino e de uma professora para os do feminino, é medida que se impõe como de premente necessidade, sob pena de o serviço já iniciado sofrer solução de continuidade, o que seria de lamentar.

E assim, dentro de muito pouco tempo, o Instituto Benjamin Constant estará em condições de cumprir a sua finalidade:

A EDUCAÇÃO INTEGRAL DO CEGO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Em 21 de fevereiro de 1945

Prezado Sr. Inezil Penna Marinho

Recebi e agradeço a cópia do Relatório sobre a educação física no I.B.C., que V.S. teve a gentileza de enviar-me.

Tenho a satisfação de felicitá-lo pela maneira completa como abordou o assunto, lamentando, no entanto, que o mesmo não tivesse sido incluído no Relatório Geral deste educandário.

Com a aproximação da reabertura dos cursos neste colégio e necessitando a comissão do D.A.S.P., ora reestruturando o ensino neste Instituto, esclarecimentos sobre a educação física, solicito de V.S. a fineza de mandar dizer quando poderá avistar-se nesta repartição, com a referida comissão.

Creia-me seu admirador,

José Augusto de Lacerda Duque

SL.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Em 7 de março de 1945.

Ao Sr. Professor Inezil Penna Marinho,

Quinto, chefe do Expediente do I.N.E.P., agradece em nome do Professor Lourenço Filho a gentileza da remessa de uma cópia do relatório sobre a educação física das crianças cegas.

INSTITUTO BENJAMIM CONSTANT

G.D. 175/46

Rio de Janeiro, D.F.

Rio de Janeiro, 10/4/46

Sr. Diretor:

O técnico de educação INEZIL PENNA MARINHO, em 1944, por solicitação desta Diretoria, cooperou brilhantemente para que fosse instalado e ministrado o curso de educação física neste colégio para cegos e amblíopes, tendo escrito sobre o assunto, um esplêndido relatório.

Agora, que está preenchido o quadro de professores de educação física deste educandário e se inicia o ensino da mesma, em fase para definitiva instalação e organização, solicito-vos, por julgar necessária, permissão, para que INEZIL PENNA MARINHO, seja, temporariamente, orientador nesta Instituto, dando à cultura física, no mesmo, o fruto de sua reconhecida dedicação e experiência.

Aproveito o ensejo para vos enviar a expressão da minha perfeita estima e elevada consideração.

(a) João Alfredo Lopes Braga
Diretor do I.B.C.

Ao Sr. João Barbosa Leite
D.D. Diretor da Divisão de Educação Física
Ministério da Educação e Saúde.

Portaria nº 7 de 13 de Maio de 1946.

Divisão de Educação Física

Sr. Diretor Geral:

DA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SICA

RESOLVE designar INEZIL PENNA MARINHO, técnico de educação, classe L, para desempenhar as funções de orientador de todos os trabalhos relativos à Educação Física no Instituto Benjamin Constant, de acôrdo com a solicitação especial do diretor do citado estabelecimento

... foi designada pela Portaria nº 7, de 13/5/46, desta Divisão, para desempenhar as funções de orientador de todos os trabalhos relativos à Educação Física no referido estabelecimento, sem prejuízo das suas outras obrigações porventura de qualquer espécie.

Bl

(s) João Barbosa Leite
Diretor

Nº 315

Em 17 de Abril de 1946

Diretor da D.E.F.

Diretor Geral do D.N.E.

: comunica designação de funcionário

Sr. Diretor Geral:

Comunico-vos, para os devidos fins, que o técnico de educação, classe L, Inezil Penna Marinho, a pedido do diretor do Instituto Benjamim Constant, consoante officio nº 175/46, de 10 do corrente (Proc. 34.309/46) foi designado pela Portaria nº 7, de 13/4/46, desta Divisão, para desempenhar as funções de orientador de todos os trabalhos relativos à Educação Física no referido estabelecimento, sem prejuizo das suas atividades nesta repartição nem vantagens de qualquer espécie.

Atenciosas saudações.

(a) João Barbosa Leite

Diretor

de abril de 1946

Diretor da Divisão de Educação Física
Diretor do Instituto Benjamin Constant - Nesta
: comunica designação de funcionário

Sr. Diretor:

Em atendimento à solicitação, contida no ofício G.D.175-46, de 10 de corrente, informo-vos que o técnico de educação, classe L, Inezil Penna Marinho foi designado pela portaria n° 7, de 13-4-946, para desempenhar as funções de orientador de todos os trabalhos relativos a Educação Física nesse Instituto.

Atenciosas saudações.

João Barbosa Leite
Diretor